

## Artigo Original

# Assessoramento Estudantil Na EAD Por Meio Da ABP E Gamificação: Questionando A Ausência De Orientação Educacional Ativa No Ensino Superior

*Student Advisory At E-Learning Through Pbl And Gamification: Questioning  
The Absence Of Active Educational Guidance In Higher Education*

*Asistencia Estudiantil En A Distancia Mediante Aprendizaje Y Gamificación  
Basados En Proyectos: Cuestionando La Falta De Orientación Educativa  
Activa En La Educación Superior*

Lilian Raquel Soares<sup>1</sup>

## Resumo

Os primeiros meses dentro de uma instituição de ensino superior podem ser uma experiência engrandecedora, mas também assustadora. Em meio à pandemia de Covid-19, a metodologia presencial foi substituída pela Educação a Distância de um dia para o outro, e muitos estudantes de nível superior, considerados foco deste artigo, viram-se completamente independentes no gerenciamento de seus estudos, o oposto do que os sistemas educacionais pregaram por séculos. Através de uma pesquisa bibliográfica exploratória, o presente artigo objetiva destacar a relevância das metodologias ativas em consonância com o trabalho do orientador educacional na atuação direta de suporte e acolhimento acadêmico, já que ambos fomentam o desenvolvimento de competências dos estudantes,

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rua São Francisco Xavier, 524 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. lyrakel@gmail.com.

assim como a autonomia educacional, por meio do engajamento no processo de ensino-aprendizagem, motivando-os, especialmente nesse período de “novo normal”.

**Palavras-chave:** Orientação educacional. Ensino superior. Metodologias ativas.

## Abstract

The first few months within a higher education institution can be an uplifting experience, but also a scary one. In the midst of the Covid-19 pandemic, face-to-face methodology was overnight replaced by distance education and many higher education students, the focus of this article, found themselves completely independent in the management of their studies, the opposite of that educational systems have preached for centuries. Through a exploratory bibliographic search, the present article aims to highlight a research of the active methodologies in line with the work of the educational advisor in the direct performance of academic support and reception, since both foster the development of students' skills, as well as their educational autonomy by through their engagement in the teaching-learning process, motivating them, especially, in this “new normal” period.

**Keywords:** Educational counselor. Higher education. Active methodologies.

## Resumen

Los primeros meses en una institución de educación superior pueden ser una experiencia edificante, pero también aterradora. En medio de la pandemia de Covid-19, la metodología presencial fue reemplazada de la noche a la mañana por la educación a distancia y muchos estudiantes de educación superior, el foco de este artículo, se encontraron completamente independientes en la gestión de sus estudios, lo contrario de que los sistemas educativos han predicado durante siglos. Mediante una búsqueda bibliográfica exploratoria, el presente artículo tiene como objetivo resaltar una investigación de metodologías activas

en línea con la labor del asesor educativo en la realización directa de apoyo y recepción académica, ya que ambas fomentan el desarrollo de las competencias de los estudiantes, así como su autonomía educativa por a través de su implicación en el proceso de enseñanza-aprendizaje, motivándolos, especialmente, en esse período de “nueva normalidad”.

**Palabras clave:** Orientación educativa. Enseñanza superior. Metodologías activas.

## 1. Introdução

Os impactos repentinos provocados ao mundo com a pandemia de Covid-19 fizeram com que a rotina de todos se rendesse ao “novo normal”. Especificamente no cenário educacional, a Educação a Distância (EaD), que vem tentando ser reconhecida como uma metodologia eficiente e eficaz para aqueles que demandam maior flexibilização em seus estudos sem perder a qualidade do ensino, tornou-se a grande protagonista mundial para que a educação não parasse no tempo.

Empresas, universidades, profissionais e estudantes viram suas rotinas serem transferidas dos centros comerciais para dentro de suas casas. Escritórios em arranha-céus agora formatados para dentro de seus quartos e salas de aulas que migraram para salas residenciais.

As melhores universidades do país pararam seus serviços de modo a reestruturar não apenas a aplicação do currículo acadêmico, mas também a forma como o corpo discente faria a transição para a metodologia a distância.

Independente de a metodologia EaD ter sido uma escolha prévia ou imposta pelo panorama mundial, o ingresso em um curso de nível superior, etapa educacional considerada como foco deste trabalho, representa uma nova fase na vida do estudante, um caminho desconhecido, o qual é, naturalmente, cheio de atalhos e armadilhas.

Partindo desse pressuposto, a quem o novo universitário recorre durante o período de adaptação em seu curso superior? Ao coordenador? Aos professores? Aos veteranos? Sabemos que a nenhum dos citados

anteriormente cabe o papel de suporte pedagógico no âmbito de desenvolvimento social, norteador e fomentador das capacidades individuais dos alunos.

A Lei nº 5.564/1968<sup>2</sup> restringe a atuação do orientador educacional ao ensino nas escolas e sistemas escolares de nível médio e primário (BRASIL, 1968), excluindo o fato de que o nível superior também é uma selva que precisa ser desbravada em equipe, não individualmente.

Com tantos meios de suporte tecnológico somados às metodologias ativas, as quais viabilizam o processo de autonomia do estudante nas relações de ensino-aprendizagem, a atuação do orientador educacional no assessoramento do ensino superior pode ser oportunizada de maneira dinâmica, colaborando não só para a formação integral do corpo discente, mas também como filtro de informações relevantes para seus superiores (reitores, gestores acadêmicos e administrativos). Além disso, o profissional pode oferecer um trabalho de planejamento, incentivo acadêmico e reflexão pedagógica individualizada com o corpo discente, favorecendo o processo de adaptação acadêmica e colaborando, assim, na redução da evasão universitária, causada pela falta de suporte pessoal e não adaptação à metodologia.

A partir dos apontamentos anteriores, o presente artigo objetiva, por intermédio de uma pesquisa bibliográfica exploratória, destacar a relevância das metodologias ativas no trabalho desempenhado pelo orientador educacional: suporte, acolhimento e desenvolvimento de competências de gerenciamento pessoal acadêmico e motivacional dos estudantes que vivem o “novo normal”.

---

<sup>2</sup> Lei que provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional.

## 2. Um breve histórico da relação entre a orientação educacional e o estudante na educação básica

Citada inicialmente na Lei nº 4.073<sup>3</sup>, da década de 1940, a orientação educacional:

Art. 50. Instituir-se-á em cada escola industrial ou escola técnica [...], mediante a aplicação de processos adequados, pelos quais se obtenham a conveniente adaptação profissional e social e se habilitem os alunos para a solução dos próprios problemas. Art. 51. Incumbe também à orientação educacional, nas escolas industriais e escolas técnicas, promover, com o auxílio da direção escolar, a organização e o desenvolvimento, entre os alunos, de instituições escolares, tais como as cooperativas, as revistas e jornais, os clubes ou grêmios, criando, na vida dessas instituições, num regime de autonomia, as condições favoráveis à educação social dos escolares. Art. 52. Cabe ainda à orientação educacional velar no sentido de que o estudo e o descanso dos alunos decorram em termos da maior conveniência pedagógica (BRASIL, 1942, *on-line*).

Com formação regulamentada há menos de 60 anos através da LDB 4.024<sup>4</sup> (BRASIL, 1961) e o exercício da profissão em 1968 por meio da Lei 5.564 (BRASIL, 1968), o orientador é um pilar na construção da educação e se mostra fundamental para o cotidiano escolar. Com muitas discussões sobre o papel da escola na vida do cidadão, a equipe pedagógica era constantemente questionada sobre sua real influência na sociedade, de modo a levar cidadania à população:

---

<sup>3</sup> Lei Orgânica do Ensino Industrial de 30 de janeiro de 1942, capítulo XII.

<sup>4</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional especifica parâmetros da formação e atuação do orientador educacional, em seu Título VIII, e na assistência social, em seu Título XI.

O principal papel da orientação será ajudar o aluno na formação de uma cidadania crítica, e a escola na organização e realização do seu projeto pedagógico. Isso significa ajudar o aluno por inteiro, com utopia, desejos, paixões. A escola, com toda sua teia de relações, constitui o eixo dessa área da Orientação, isto é, a Orientação trabalha na escola em favor da cidadania, mas criando um serviço de orientação para atender aos excluídos (do comportamento, do conhecimento, dos procedimentos, etc), mas para entendê-los através das relações que ocorrem (poder, saber, fazer/saber) na instituição Escola (GRINSPUN, 2002, p. 29).

Tomando a citação como exemplo, experimente substituir a palavra escola por universidade. Note que as necessidades dos estudantes não são tão distintas assim, certo?

Ultrapassando os limites dos muros da escola, o orientador educacional é o profissional cujo conhecimento das rotinas, histórias, dilemas e da individualidade dos estudantes e de suas famílias é mandatório. Dando suporte e atuando como intermediador entre gestores pedagógicos e/ou administrativos, famílias e estudantes, o orientador é a referência para tratar questões que envolvam não só o cenário acadêmico, mas também tudo que tange o relacionamento interpessoal entre corpo discente e docente. Dessa forma, contribuindo para que as engrenagens das instituições de ensino girem de maneira coordenada e sempre na versão mais atualizada, colaborando para a alimentação dos relatórios institucionais discentes, com informações recentes e coerentes.

[...] o trabalho desse educador, embora cercado por vários desafios, apresenta-se como de singular importância para a organização e dinamização do processo educacional, pois tem como centro dos estudos o aluno, que é também a razão de existência da própria educação. Sua atuação contribui para a formação integral do aluno, o que nos leva a considerar que também contribui para a permanência e o êxito estudantil (MATEUS; RODRIGUES, 2019, *on-line*).

Estimulando o diálogo e a crítica, esse profissional busca criar situações nas quais as engrenagens que compõem a máquina educacional sejam ouvidas, trabalhando a relação fundamental entre ouvir e se expressar, colaborando para momentos de debate e fortalecendo a prática da reflexão e do respeito mútuo em ações comunicacionais.

A orientação, hoje, está mobilizada com outros fatores que não apenas e unicamente cuidar e ajudar os alunos com problemas. Há, portanto, necessidade de nos inserirmos em uma nova abordagem de Orientação, voltada para a construção de um cidadão que esteja mais comprometido com seu tempo e sua gente. Desloca-se, significativamente, o onde chegar, neste momento da Orientação Educacional, em termos do trabalho com os alunos. Pretende-se trabalhar com o aluno no desenvolvimento do seu processo de cidadania, trabalhando a subjetividade e a intersubjetividade, obtidas através do diálogo nas relações estabelecidas (GRINSPUN, 1994, p. 13).

O ambiente escolar e seus atores gestores buscam preparar o corpo discente para a vida em sociedade de maneira mais ampla, ou seja, além dos muros da escola, direta e/ou indiretamente, e é papel do orientador educacional promover o aprofundamento nessas relações da integração com a família, das relações afetivas, sem perder o foco da dimensão técnica envolvida.

Outra perspectiva com a qual nos deparamos até os dias atuais, mas que é completamente contrária à perspectiva crítica que estamos defendendo ao longo deste trabalho, é a do viés meritocrático. Ainda é possível encontrar facilmente muitos orientadores educacionais afirmando que os alunos que desenvolvem dificuldades de aprendizagem fazem-no porque não se esforçam o suficiente para alcançar o sucesso, deixando de considerar todas as questões ligadas ao político e ao social que atravessam as escolas e, mais especificamente, a realidade dos alunos (INSFRÁN; LADEIRA, 2020, *on-line*).



A escola é o primeiro núcleo de diversidade e adversidade que o indivíduo lida fora da família e esse cenário o acompanha em todas as etapas educacionais ao longo da vida. Há de se destacar que mesmo na fase adulta, independente de cursar Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou um curso técnico profissionalizante, até mesmo cursos de nível superior, as instituições de ensino incentivam práticas de transição e toda transição é novidade, não apenas pelo fator lógico da diversidade social, cultural, religiosa, econômica e racial do Brasil, mas também de camadas internas de aspectos que permeiam a vida em sociedade, que tratam de inclusão, relacionamento interpessoal e relações de poder.

### 3. Orientação educacional no ensino superior: por quê? Como? Para quem?

Durante toda vida escolar, o estudante tem o apoio de uma gama de profissionais, que visam seu pleno desenvolvimento cognitivo, social, pedagógico e afetivo. Durante a educação infantil, são inúmeras as estratégias para colaborar na adaptação dos pequenos ao ambiente novo, às novas regras e costumes. O mesmo ocorre na transição para os anos iniciais do ensino fundamental: atividades motivacionais de fomento à escrita com caneta, jogos com dinheiro de brinquedo para estimular a familiaridade com a moeda e a relação com dinheiro são alguns exemplos. Nos anos finais e no ensino médio, são realizadas palestras sobre a vida adulta, debates para a construção de opinião sobre temas contemporâneos, testes vocacionais, diálogos individuais e/ou em grupo com pedagogos, orientadores e psicólogos, tudo com o objetivo de equilibrar e preparar o indivíduo para as próximas fases que virão.

Até no mundo corporativo a assistência de especialistas em educação é uma constante, para que haja atualização e construção adequada de processos pedagógicos que visam mudança de cultura empresarial, aprendizagem de novas metodologias e atualização profissional de uma forma geral. Mas quando a transição para nível superior é abordada, poucas são as instituições que ofertam ações efetivas, com metodologias atrativas e eficazes de amparo, adaptação e manutenção do suporte e estímulo ao universitário, ao menos no primeiro semestre letivo.



O primeiro ano de universidade é um período crítico. É nele que será tomada a decisão de permanecer ou desistir. Na grande maioria dos casos, entretanto, a condição dessa permanência nada ou quase nada tem a ver com metas definidas de carreira. Existe um processo anterior central – a afiliação intelectual e institucional, processo definidor da permanência para o qual nunca demos importância, mas que tem se revelado como crucial para a vida universitária (SAMPAIO, 2011, p. 223).

Assim, com os apontamentos anteriores, busca-se esclarecer o porquê da necessidade da atuação do orientador nesse segmento educacional.

Abrangendo estudantes das gerações *baby boomers*<sup>5</sup> e X<sup>6</sup>, passando pelos *millenials* (Y)<sup>7</sup> e a geração Z<sup>8</sup>, a diversidade no ambiente de nível superior demanda planos específicos para envolver as peculiaridades desse público tão variado, empenhados em aplainar as barreiras naturais impostas aos estudantes, que podem ser superadas com o uso de metodologias responsáveis por colaborar com a acomodação do recém-chegado no ensino superior, em especial na metodologia EaD, tendo sido abraçadas tanto por escolha pessoal quanto pelas adaptações ao cenário atual, com o objetivo de estimular protagonismo e auto-organização, além de criar estímulos ao estudo organizado, favorecendo o cumprimento do cronograma letivo (GRINSPUN, 2006).

[...] Em face das transformações que vivemos no mundo e que repercutem em todas as instituições, o papel da orientação educacional é muito significativo, ao possibilitar ao sujeito compreender e analisar esse mundo, compreendendo-se nesta relação com o outro, e também ajudando a escola na interação de suas relações e de

---

<sup>5</sup> Geração de nascidos entre 1945 e 1964. O termo “baby boomer” surgiu em virtude do crescimento da natalidade nos EUA após o retorno de seus soldados aos seus lares depois da 2ª Guerra Mundial.

<sup>6</sup> Nascidos entre 1965 e a década de 1979.

<sup>7</sup> Nascidos entre 1980 e 1994, no período próximo da virada do milênio.

<sup>8</sup> Nascidos entre 1995 e 2015.

seu projeto político pedagógico, de modo que possamos viver e conviver neste mundo de forma crítica e consciente, buscando alternativas, criando estratégias para uma escola de mais qualidade, uma sociedade mais justa e um mundo que aposte na paz (GRINSPUN, 2006, p. 187).

Falou-se das necessidades do corpo discente, mas há de se registrar que o corpo docente das instituições de ensino superior também ganha mais um amparo em sua senda com a atuação do orientador educacional, guarnecido de conhecimento em metodologias ativas para empregá-las em suas funções:

Cabe ao orientador educacional, em sua prática educativa com os professores, assessorá-los no acompanhamento e compreensão de sua turma, integrar-se às diversas disciplinas visando ao desenvolvimento de um trabalho comum e à formulação das habilidades didático-pedagógicas a serem desenvolvidas com os alunos (LONGO; PEREIRA, 2011, p. 5).

Trata-se, também, de uma questão de comprometimento com a evolução constante de seus conhecimentos e de manter-se atualizado em teorias e práticas contemporâneas que se provam eficientes e eficazes, além de alinhadas com os objetivos do mundo educacional, que vão muito além do acadêmico, com a internalização do papel social do indivíduo.

## 4. Metodologias ativas: o estudante tomando as rédeas do ensino

Procure buscar em suas memórias as atividades nas quais você, leitor, se sentiu mais desafiado durante o período escolar. Aquelas atividades em que era necessário por a mão na massa, realizar as etapas, criar materiais, expor seu conhecimento e ponto de vista. Sim, aquelas nas quais você era parte de um grupo e se sentia inserido, colaborativo e, o mais importante, ativo em seu papel acadêmico. Todos temos

essas memórias. Mediante essa perspectiva nota-se que é com elas, essas posturas ativas no meio escolar, que construímos premissas ligadas ao trabalho em grupo, organização, independência, liderança, sendo um *baby boomer* ou um indivíduo da geração Z.

As metodologias ativas sempre permearam a vida do estudante e foram sendo aperfeiçoadas com o tempo e com os avanços tecnológicos, buscando garantir ainda mais a identificação de diferenças, espaços vazios e comportamentos, os quais podem ser corrigidos e/ou melhorados de modo a alcançar a emancipação dinâmica do indivíduo, como aponta Pereira (2012, p. 6):

Por Metodologia Ativa entendemos todo o processo de organização da aprendizagem (estratégias didáticas) cuja centralidade do processo esteja, efetivamente, no estudante. Contrariando assim a exclusividade da ação intelectual do professor e a representação do livro didático como fontes exclusivas do saber na sala de aula.

Neste trabalho, optou-se por adequar à prática do orientador educacional a gamificação e a Aprendizagem Baseada em Problemas/Projetos, mas as opções são muitas: estudos de caso, dinâmicas, sala de aula invertida, aprendizagem em pares, exposições, mapas mentais, jogos de estratégia, dramatização, simulações.

[...] a necessidade de mudanças nas práticas pedagógicas está cada vez mais emergente. Se estas práticas não são renovadas, os métodos, processos e conteúdos educacionais que conhecemos (e admiramos) se tornarão irrelevantes porque deixarão de atender a demanda do seu contexto. Acredita-se que a manutenção de práticas consideradas obsoletas tem contribuído para um ensino centrado no professor, na qual tem distanciado os alunos do processo de construção de seu conhecimento (LEITE, 2018, p. 581).

O intervalo de tempo entre as três últimas revoluções industriais<sup>9</sup> reduziu aproximadamente 50%. Essas revoluções ditam as regras dos mercados, inclusive do educacional. Assim, com revoluções ocorrendo em lacunas de tempo cada vez menores, é imprescindível fazer a atualização constante das teorias, das práticas pedagógicas e dos atores educacionais, para que consigam acompanhar e dar assistência aos cenários da Educação 4.0.

## 5. Orientação educacional sob a égide das metodologias ativas

Tais reflexões anteriormente mencionadas objetivam estabelecer a prática da orientação educacional abalizada em metodologias ativas através de atividades cujo foco seja levar confiança, acolhimento, participação, autonomia e protagonismo ao estudante recém-iniciado na EaD no ensino superior, especialmente em um período delicado como o que o mundo vive atualmente, atendendo aos anseios dos estudantes de gerações menos tecnológicas até os da geração Z, de maneira atrativa, simples e útil.

O uso das tecnologias digitais não oficiais e as oficiais, percebidas como contributo para a autonomia dos estudantes, prende-se com as possibilidades de uma gestão personalizada do local e tempo dedicado ao estudo. Para o perfil dos estudantes não tradicionais, frequentemente associado a pessoas que conciliam o estudo universitário com o trabalho, a possibilidade de gerir o tempo e o espaço de estudo em casa ou nos intervalos no local de trabalho é tida como um fator importante que pode contribuir para o seu sucesso acadêmico (PINTO; LEITE, 2020, p.11).

Utilizando como ferramentas principais a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) e a gamificação, o orientador educacional, daqui em

---

<sup>9</sup> Primeira/1.0, em 1784: uso da força à vapor; segunda/2.0, em 1870: uso das linhas de montagem, eletricidade e combustão; terceira/3.0, em 1969: da automação.

diante tratado como OE, atuará como um curador:

[...] que escolhe o que é relevante entre tanta informação disponível e ajuda a que os alunos encontrem sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis. Curador, no sentido também de cuidador: ele cuida de cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira. Orienta a classe, os grupos e a cada aluno. Ele tem que ser competente intelectualmente, afetivamente e gerenciamento (gestor de aprendizagens múltiplas e complexas) [...] (MORÁN, 2015, p. 24).

Em tempos de pós-verdade, notícias falsas e ultravelocidade da informação, o processo de seleção, refinamento e análise da relevância das informações é um serviço de utilidade pública, ainda mais no campo educacional, onde a multiplicação de dados é bastante capilarizada.

## 6. OE e ABP: Planejamento individualizado na prática

Pela ausência ou número reduzido de orientadores nas instituições de ensino superior seria inviável realizar um trabalho com cada estudante abordando uma metodologia ativa para seu benefício, mas a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) é uma ferramenta relevante para o ensino, estímulo e autodesenvolvimento de estruturas personalizadas de fomento e organização dos estudos.

Ao assistir o estudante por meio de projetos, como guias de desenvolvimento pessoal, cronogramas de completude de conteúdo e *dashboards* de notas, além de levar conhecimento específico nas áreas de tecnologia e gestão pessoal, o OE compartilha conhecimento e ferramentas adequadas para que o aluno possa criar, seguindo as afirmações de Giacaglia e Penteado (2013 *apud* PENTEADO, 1976, p. 2):

Um processo sistemático, contínuo e complexo; é uma assistência profissional realizada através de métodos e técnicas pedagógicas e psicológicas, que levam o educando ao conhecimento de suas características pessoais e das características do ambiente sociocultural, a fim de que possa tomar decisões apropriadas às perspectivas maiores de seu desenvolvimento pessoal e social.

Pode-se especificar, por exemplo, projetos de criação de rotina envolvendo todas as tarefas do cotidiano do estudante ou apenas as acadêmicas, os próprios *dashboards* para acompanhamento das notas recebidas e pendentes, realizando os cálculos necessários para fechamento do período letivo positivo, por exemplo.

Por mais simples que soe a proposta, efetivamente direcionada a um profissional de educação, a mesma pode vir a ser a diferença entre a conclusão do curso e a evasão, justamente por sua implementação ser um sinal de cuidado da instituição de ensino com seu estudante e um meio prático que gera resultados para aqueles que a abraçarem:

É aproximação, diálogo, acompanhamento do jeito de ser de cada educando, dando-lhe a mão, com rigor e afeto, para ajudá-lo a prosseguir sempre, tendo ele a opção de escolha de rumos em sua trajetória de conhecimento (HOFFMANN, 2011, p. 74).

## 7. OE + Gamificação = Motivação na prática

Buscando disponibilizar uma ferramenta viável para estimular o estudante recém-chegado ao nível superior na metodologia EaD, a gamificação traz características divertidas e ao mesmo tempo desafiadoras para colaborar com a mudança e/ou adaptação do comportamento do corpo discente à rotina de estudos.

Após a matrícula, seu ambiente de aprendizagem é liberado e muitas novidades são apresentadas: a própria plataforma virtual de aprendizagem em si, blocos de textos, atividades online, fóruns, *wikis*, entre outros e o aluno vê-se com muitas demandas, mas sem a presença física

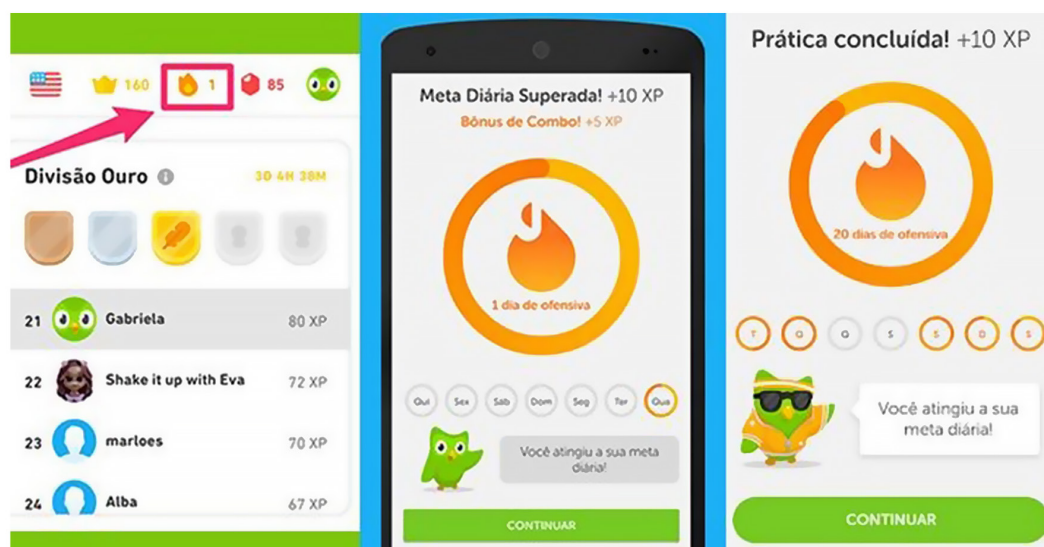


do professor, dos colegas de classe e até da sala de aula, que acabam por impulsioná-lo a manter o conteúdo em dia. Agora, ele é seu próprio propulsor, tendo como motivação:

Um conjunto de variáveis que ativam a conduta e orientam um determinado sentido para poder alcançar um objetivo e que estudar a motivação consiste em analisar os fatores que fazem as pessoas compreenderem determinadas ações dirigidas a alcançar objetivos (TAPIA, 1999, p. 77).

Podemos citar como exemplo prático a ferramenta de aprendizado de idiomas *Duolingo* (Figura 1). Nela, foi implementada uma estrutura de estudos em forma de games com desafios diários. O objetivo é simples: são disponibilizados conteúdos curtos para fomentar a prática de estudar diariamente, o que manterá o estudante estimulado e colaborará com sua rotina acadêmica. Ao atingir a meta diária, o aluno é recompensado com pontos que liberam novos conteúdos de estudo de forma gratuita.

**Figura 1 - Layout do app Duolingo, exibindo o esquema ofensivo de estudo**



Fonte: Elaborada pela autora.



Esse processo fomenta a prática constante do estudo, com *feedback* automáticos, facilitando tanto a análise do OE no processo de imersão do estudante na adaptação à EaD quanto servindo de guia individual e motivador pessoal para o desenvolvimento do aluno.

Todos estes fatores, quando observados e seguidos, servem para conduzir o jogador até o complemento final da missão. No caminho, os desafios impostos pelo jogo são os elementos propulsores para motivar e engajar os jogadores, estabelecendo objetivos que devem ser alcançados a curto, médio e longo prazo, mediante as estratégias que mobilizam funções cognitivas e subjetivas (ALVES, 2015, p. 97).

## 8. Conclusão

As intempéries do mundo transformam cenários antes estabelecidos em terras desconhecidas; processos que caminhavam lentamente agora são nossa realidade. A EaD é um desses exemplos. Flexível, seguro e de qualidade, o ensino a distância recebeu maior destaque por conta da pandemia e trabalhá-lo da melhor forma possível é o meio ideal para alcançarmos sucesso nesta jornada.

Em meio a tudo isso, como dar merecida atenção e suporte aos estudantes recém-ingressados no ensino superior e àqueles que tiveram sua rotina de estudos alterada pela mudança de metodologia de ensino-aprendizagem? A união entre as forças da orientação educacional e das metodologias ativas mostra-se uma boa opção nesta seara.

Objetivando tal pensamento, buscou-se destacar o pertinente papel do orientador educacional no cenário acadêmico de nível superior, no que tange a intermediar a ambientação e estabilização dos estudantes que estão adentrando em uma nova fase de vida estudantil, firmando-os em seu novo espaço social, assistindo-os em meio à nova configuração de coletivo, estabilizando e/ou reduzindo as disparidades entre seus pares, trazendo a esses ferramentas para o autodesenvolvimento e experiência de acolhimento, tanto acadêmico quanto social.

Com a gamificação e a ABP como metodologias ativas úteis para alcançar seus objetivos, o OE trabalha desde a individualidade do aluno, por meio de projetos personalizados para cada rotina, até a motivação do estudante, através de jogos que fomentam a constância no consumo do conteúdo acadêmico. Engajamento humano, fortalecimento do auto-gerenciamento e desenvolvimento reflexivo podem ser proporcionados pela atuação de um profissional especializado, o orientador educacional.

A orientação educacional e as metodologias ativas são forças que, unidas, podem transformar a vida do estudante universitário, que tanto demanda cuidado e suporte para seu êxito, afinal, só quem sobreviveu a uma graduação sabe como é difícil escolher entre o diploma e a saúde mental.

## Referências

ALVES, F. **Gamification: como criar experiências de aprendizagem engajadoras. Um guia completo: do conceito à prática.** 2. ed. São Paulo: DVS Editora, 2015.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942.** Lei orgânica do ensino industrial. Brasília, DF: Presidência da República, 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1940-1949/decreto-lei-4073-30-janeiro-1942-414503-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 5.564, de 21 de dezembro de 1968.** Provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1968. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/l5564.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%205.564%2C%20DE%2021%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201968.&text=Prov%C3%AA%20s%C3%B4bre%20o%20exerc%C3%ADcio%20da,eu%20sanciono%20a%20seguinte%20Lei%3A&text=4%C2%BA%20Os%20diplomas%20de%20orientador,-Minist%C3%A9rio%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Cultura](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l5564.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%205.564%2C%20DE%2021%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201968.&text=Prov%C3%AA%20s%C3%B4bre%20o%20exerc%C3%ADcio%20da,eu%20sanciono%20a%20seguinte%20Lei%3A&text=4%C2%BA%20Os%20diplomas%20de%20orientador,-Minist%C3%A9rio%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Cultura). Acesso em: 20 de fev. 2021.

GIACAGLIA, L. R. A.; PENTEADO, W. M. A. **Orientação Educacional**

**na prática:** princípios, histórico, legislação, técnicas, instrumentos. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

GRINSPUN, M. P. S. Z. (org.). **A prática dos orientadores educacionais.** São Paulo: Cortez, 1994.

GRINSPUN, M. P. S. Z. **A Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 2001.

INSFRÁN, F. F. N.; LADEIRA, T. A. O fracasso escolar e a importância da Orientação Educacional – um diálogo necessário. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 23, out. 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/23/o-fracasso-escolar-e-a-importancia-da-orientacao-educacional-r-um-dialogo-necessario>. Acesso em: 12 mar. 2021.

LEITE, B. Aprendizagem tecnológica ativa. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 4, n. 3, p. 580-609, set./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/riesup.v4i3.8652160>. Acesso em: 12 mar. 2021.

LONGO, M.; PEREIRA, C. O papel do orientador educacional na promoção do relacionamento interpessoal entre alunos e professores contribuindo no processo ensino aprendizagem. **Perspectiva**, Erechim, v. 35, n. 132, p. 183-196, dez. 2011. Disponível em: [https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/132\\_243.pdf](https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/132_243.pdf). Acesso em: 12 mar. 2021.

MATEUS, S. J. S.; RODRIGUES, M. S. Contribuições do orientador educacional para a permanência e êxito estudantil na Educação Profissional Técnica de Nível Médio. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 12, jun. 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/12/contribuicoes-do-orientador-educacional-para-a-permanencia-e-exito-estudantil-na-educacao-profissional-tecnica-de-nivel-medio>. Acesso em: 12 mar. 2021.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. **Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**, v. 2. p. 15-33. Ponta Grossa, PR: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran). Acesso em: 12 mar. 2021.

PEREIRA, R. Método Ativo: técnicas de problematização da realidade aplicada à educação básica e ao ensino superior. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, 6., 2012, São Cristóvão. **Anais eletrônicos [...]**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012. p. 1-15. Disponível em: [http://educonse.com.br/2012/eixo\\_17/pdf/46.pdf](http://educonse.com.br/2012/eixo_17/pdf/46.pdf). Acesso em: 12 mar. 2021.

PINTO, M.; LEITE, C. As tecnologias digitais nos percursos de sucesso acadêmico de estudantes não tradicionais do Ensino Superior. **Revista Educação e Pesquisa da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v. 46, e216818, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v46/1517-9702-ep-46-e216818.pdf>. Acesso em: 25 de jul. 2020.

SAMPAIO, S. A educação superior como espaço privilegiado para a orientação acadêmica. In: GUZZO, R. S. L.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. **Psicologia Escolar: Identificando e superando Barreiras**. Campinas: Editora Alínea, 2011.

TAPIA, J. A. **A motivação em sala de aula**. São Paulo: Loyola, 1999.

**COMO CITAR ESTE ARTIGO**

**ABNT:** SOARES, Lilian. Assessoramento estudantil na EAD por meio da ABP e gamificação. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, V2, 2021. <http://dx.doi.org/10.17143/rbaad.v20i1.504>.

**Autor Correspondente**

Lilian Soares  
e-mail: [ly rakel@gmail.com](mailto:ly rakel@gmail.com)

**Recebido: 23/01/2020   Aceito: 23/07/2020   Publicado: 05/08/2020**